

O desafio social do saber universitário

Moisés dos Santos Viana *

Resumo: O artigo é uma reflexão sobre o saber universitário e o desafio social de gerar conhecimento técnico-científico. Desse modo, há muitas implicações e divergências em meio ao conhecimento e seu aspecto emancipador. Uma crítica ao utilitarismo universitário, mercadológico, que se manifesta como práxis conservadora do *status quo*. Assim, propõem-se um novo modo de refletir, sentir, dialogar, agir para provocar, alterar e superar o desafio social do saber universitário.

Palavras-Chave: conhecimento, sociedade, *status quo*, universidade.

Abstract: The article is a reflection on the knowledge university and the social challenge of generating technical-scientific knowledge. Like that, there are many implications and differences in the midst of their knowledge and emancipating aspect. A critique about utilitarianism university, merchandise, praxis conservative of the *status quo*. To propose a new way to reflect, feel, talk, act to cause to change and overcome the social challenge of the knowledge university.

Key words: knowledge, social, *status quo*, university.

Introdução

O que é a universidade? Entende-se uma instituição que compreende um conjunto de escolas ou faculdades para a especialização científica e profissional. Ela tem por função predominante garantir a conservação e o progresso nos diversos ramos do conhecimento por meio da pesquisa, do ensino e da extensão. A universidade gera e conserva saberes, transformando a sociedade e, às vezes, faz-se presente em diversos sentidos como é o caso do desafio atual da universidade como sendo espaço do debate, da descoberta e da realização, para superar os problemas sociais.

No entanto, Edgar Morin (2007) destaca a contradição da universidade como um lugar onde se cria saber e não se utiliza esse saber:

(...) e termina na maior parte das vezes por ser cega, porque destrói todas as possibilidades de compreensão e reflexão, eliminando na raiz as possibilidades de um juízo crítico e também as oportunidades de um juízo corretivo ou de uma visão a longo prazo (MORIN, 2007, p. 19).

O conhecimento gerado dentro do contexto da universidade deve ser aplicado nela mesma e assim resolver seus problemas: “É obvio que críticas e questionamentos externos nos fazem falta, mas sobretudo o que faz falta é um questionamento interior” (MORIN, 2007, p.23). Deste modo, é mister ter em mente a necessidade de olhar para universidade e propor mudanças no âmbito operacional, dado que ela pode contribuir na sociedade como uma instância necessária da comunidade, para construção de uma sociedade mais justa e igualitária, com agentes emancipados e politicamente comprometidos.

* Mestrando em Cultura e Turismo pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Especialista em Meio Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e professor substituto de Antropologia, Ciências Políticas e Introdução à Sociologia da UESB.



Fonte: Arquivo do autor

Por isso, quer-se nesse ensaio refletir acerca da história, consolidação e perspectiva da universidade: primeiro como centro de ensino e difusão de conhecimento, depois como agente produtor de técnicos para o contexto da modernidade e do capitalismo. Após isso, reflete-se acerca do desafio social do saber em geral e especificamente do saber universitário. Para tal questão esse escrito é um ensaio crítico ao modelo estabelecido e, aqui, assume-se a perspectiva do sociólogo Boaventura de Sousa Santos com suas reflexões sobre o saber universitário nesse século XXI.

Conhecimento, poder e dinheiro

Peter Burkner (2003) destaca que as universidades desenvolvem tendência de seguir os impulsos sociais e a contradição que segue na história de inovar ou ser-lhe resistente à inovação. A princípio, elas eram escolas fundadas pela Igreja com seu poder sócio-político em evidência, centros de elaboração da ideologia da cristandade. As universidades surgiram no bojo do século XII, acompanhando a estruturação das cidades européias medievais como Bolonha, Paris, Oxford, Salamanca, Nápoles, Praga, Pávia, Cracóvia, Louvain. Essas cidades expandiram-se comercialmente e marcaram, nessa período, as raízes da modernidade e a revolução da ciência nos séculos XV e XVI, posteriormente: “Nessa época, admitia-se como indiscutível que as universidades deviam concentrar-se na transmissão do conhecimento, e não em sua descoberta” (BURKER, 2003, p.38).

A partir do século XVII, ampliou-se as ações da universidade como espaço cultural, devido a mudança social daquele momento. De lá para cá, as demandas sociais e a importância da universidade se torna bem mais complexas na produção da ciência e de tecnologia, com a possibilidade de ser aplicada ao cotidiano, por meio da indústria. No

início do século XX, por exemplo, apareceram os profissionais da pesquisa organizados nas universidades: "A ciência, que até então se desenvolvia independente da tecnologia, começa a ter com ela uma estreita relação, transformando-se numa atividade cada vez mais importante e cujos resultados começam a ser demandados pelo setor produtivo" (VELHO, 1996, p. 14). A interação se faz de maneira avassaladora e a indústria, o governo, os serviços, os comércios são todos influenciados pela produção do conhecimento técnico-científico gerado especificamente nas universidades.

A universidade então toma uma roupagem específica que é a formação técnico – científica para ser utilizada no meio social. Formam sujeitos para ingressar, manter e inovar o sistema de produção capitalista. Essa formalidade do contexto universitário tornou-se antes de tudo espaço útil de manutenção da cultura vigente na sociedade, o capitalismo. Ou seja, o conhecedor, produtor do saber científico-universitário se insere como mais um na divisão capitalista do trabalho. Não se deve enganar, portanto, que saber científico puramente platônico, isolado num mudo ideal, com uma teleologia que se encerra em si mesmo. Mas, há sim um processo interativo no bojo social, retroalimentação sociedade-universidade e processos conflituosos de auto-reconhecimento.

Opondo-se a uma tradição idealista que apresentava os intelectuais como grupos autônomos, Gramsci mostra os fundamentos históricos da categoria de intelectual, que teria funções econômicas, sociais e políticas bem determinada na manutenção e/ou conservação de sociedades concretas. Assim, o surgimento do intelectual contemporâneo - o quadro técnico, o especialista - estaria organicamente ligado ao surgimento do empresário capitalista (MOREL, 1979, p. 13)

Há aí uma observação sob a universidade como campo criativo de produção, por isso geradora de poder, mantenedora das idéias dominantes. Além de ser o espaço do conhecimento, marcado por paradigmas conservadores, ela se torna antes de tudo uma esfera de abordagem do modelo sócio-econômico delineador da prática da produção do conhecimento.

A universidade é pressionada para transformar o conhecimento e os seus recursos humanos em produtos que devem se explorados comercialmente. A posição no mercado passa a ser crucial e, nos processos mais avançados, é a própria universidade que se transforma em marca (SANTOS, 2008, p.65).

Corroborando com Santos (2008), salienta-se que o modelo empresarial é freqüente na atual conjuntura da universidade, onde interesses paralelos se convergem num sentido de objetivar ações para “potencializar recursos”, “desenvolver estratégias de mercado” e “maximizar resultados”. Pode-se argumentar que o universo universitário está envolto na atmosfera do capitalismo de mercado, seguindo suas regras comerciais, numa velada ação de darwinismo social, típica da atual situação econômica.

A universidade tem de entender que a produção de conhecimento epistemológico e socialmente privilegiado e a formação de elites deixaram de poder assegurar por si só a legitimidade da universidade a partir do momento em que perdeu a hegemonia mesmo no desempenho destas funções e teve de as passar a desempenhar num contexto competitivo (SANTOS, 2008, p. 67).

Nesse ponto, denuncia Velho (1996) que o interesse do conhecimento é simplesmente transformar tecnologia em produto empresarial lucrativa. Há o desejo e a evidência específica de manter o projeto da universidade como campo de educação, pesquisa e

extensão, em quintal das elites econômicas ávidas pelo lucro. Transformar os departamentos acadêmicos em fomentadores de novos nichos de mercado (produtos, serviços, recursos humanos). São os "desafios antes impensados" que atinge os critérios idealizados do saber científico de está a serviço do saber e da humanidade, cujos frutos são colhidos por poucos para uso de uma camada rarefeita da população. As instituições de ensino superior parecem ter deixado as questões do bem social e das necessidades da população, ou deslocando esses tema para um plano secundário.

Esse paradigma da universidade é presente na realidade como foi diagnosticado por Santos (2008). Segundo o sociólogo português, a mercantilização do saber, especificamente do conhecimento científico, causou mudança em diversos níveis na universidade. Isso "impôs um processo de produção relativamente descontextualizado em relação às premências do cotidiano das sociedades" (SANTOS, 2008, p. 26). Assim, a universidade se apartou das demandas sociais e irresponsavelmente criou um *ethos* distante das demandas da comunidade, constituindo nesse turno um desafio a ser superado.

Desafio social do saber

O desafio social do saber se inicia com a preocupação de Aristóteles de relacionar o saber à prática e ao contexto social, daí ele classifica o saber prático como *phronesis*, agilidade legitimadora da vontade humana. Para o Estagirita, há um propósito para o saber, a Ética, maneira de pôr em prática a sabedoria filosófica que se desdobrava em ação virtuosa cujo fim é a felicidade. Uma atividade dinâmica que é reconhecida num propósito comunitário, ou seja, sócio-político.

A ética e a política estão intimamente relacionadas. Aristóteles concebe o Estado como entidade natural que surge entre as pessoas para servir a uma função natural, Antes o Estado da Política também tem a *eudaimonia* como finalidade, ou seja, cuidar da completa e auto-suficiente vida dos seus cidadãos (WEDIN, 2006, p. 50).

A praticidade do saber se desdobra daí em proceder ético-social. Ainda mais que a finalidade da produção do saber se identifica muito mais com a dinâmica social. Por isso, na sociedade, o desafio do saber se insere no contexto das necessidades da comunidade. Como especifica Santos (2007), o saber na comunidade possibilita ter uma utopia crítica a partir de um conhecimento emancipador, um saber socialmente competente capaz de julgar a realidade. Isso compreende superar o silêncio do dominado e passar a exigir a lutar e a transformação social. O saber proporciona um despertar à política que garante a autonomia da identidade de si e do outro diante dos desafios que emergem na realidade. Por isso, pode-se dizer que a universidade deve formar cidadão além de simples técnico-cientista: "A universidade, em seu sentido mais profundo, deve ser entendida como uma entidade que, funcionaria do conhecimento, destina-se a prestar serviço à sociedade no contexto da qual ela encontra situada" (SEVERINO, 2007, p. 23).

Santos (2007) destaca ainda que não se pode sair da realidade que desafia o saber que é local e que abrange diversos âmbitos como política, economia, ecologia e sociedade. O saber tem conseqüências concretas na sociedade e que agora exige mudanças na metodologia científica moderna que parece não dar mais conta do problema das culturas e os diversos contextos onde elas são construídas:

Hoje, na ciência moderna, as ações científicas são sempre mais 'científicas' que as conseqüências dessas ações. Se quisermos ter uma atitude pragmática para observar as

consequências, para intervir na realidade, temos que enfrentar essa discrepância que existe na ciência moderna, mas não existe, por exemplo, da mesma maneira em outros saberes (2007, p. 57).

Outro desafio do saber apresentado por Santos (2007, p. 58) é ainda o desenvolvimento de sujeitos rebeldes, "subjetividades rebeldes" que não se conformam com o estabelecido. Ele deve ir além do saber racional e desenvolver outros saberes: o mito, a emoção, a fé. Assim, o saber culmina na elaboração de algo contextual, um saber local, a partir da cultura e da identidade própria das experiências sócio-históricas. Por exemplo, um saber típico do Hemisfério Sul, rebelde à cultura colonialista que se instala nas camadas sociais, econômicas, políticas e forma uma matriz de pensar que engessa a emancipação social das sociedades colonizadas. Por isso, desafia-se o saber, para gerar pensamento a partir da identidade contra-hegemônica que possa dar conta das demandas da sociedade: "Devemos analisar as estruturas de poder da sociedade a partir das margens, e mostrar que o centro está nas margens (...)" (2007, p. 59). A partir disso, mudar a realidade onde se vive, ampliar os conceitos e estabelecer o saber como ponto de partida para romper com a concepção atual do mundo que foi imposto pela história dos dominadores, colonizadores e capitalistas.

O saber então torna-se instrumento capaz de re-elaborar novas noções cotidianas que envolva a subjetividade, os espaços domésticos, as forças de produção e, a noção de cidadania da sociedade local e de todo mundo. Apresentar-se então um desafio do saber também na universidade onde é o excelente espaço de gestão do saber no ocidente desde o tempo medieval.

Desafio social do saber universitário

É interessante a dinâmica histórica que aponta a universidade como o espaço ocidental de formação do sujeito intelectual. Apesar de exceções, grande parte dos pensadores veio e se formaram nas universidades. A formação profissional, por exemplo, e a divisão social do trabalho são ligados ao profissionalismo universitário que molda o sujeito, adequando-o para se tornar antes de tudo técnico, um profissional, dotado de uma formação, capaz de cooperar com sociedade e os meios de produção. No entanto, Gramsci aponta outras competências essenciais para este sujeito:

A capacidade do intelectual profissional de combinar habilmente indução e dedução, de generalizar sem cair no formalismo vazio, de transferir certos critérios de discriminação de uma esfera a outra do julgamento adaptando-os às novas condições, etc., constitui uma 'especialidade', uma 'qualificação', não um dado senso comum vulgar (2001, p. 206)

A partir disso, o saber da universidade tem seu desafio social, na formação científica, profissional e política, onde o conhecimento é a finalidade da instituição. Mas a universidade ainda se manifesta em três dimensões específicas que são o ensino, pesquisa e extensão. Historicamente ela foi e hoje é apresentada como espaço de elite, o ensino é voltado especificamente segundo critérios conservadores que dificultam a entrada e permanência do aluno na instituição.

Os discentes oriundos das classes trabalhadoras se tornam heróis ao terminar seu período probatório de aprendizado que são os anos de formação da graduação universitária. O desafio universitário é garantir o acesso e a permanência desses alunos. Uma pressão política cada vez mais necessária para também haver um processo democrático nas instituições de ensino, bem como democratização nas interfaces escola-

universidade. O comprometimento com ensino universal universitário é uma forma de ampliar mais e mais a possibilidade do papel da universidade no meio social.

Na extensão se abrem inúmeras possibilidades de participação direta da universidade na gestão social e colaboração para superar as demandas e desafios escalonados entre população e universidade. "(...) uma participação activa na construção da coesão social, no aprofundamento da democracia, na luta contra a exclusão social e a degradação ambiental, na defesa da diversidade cultural" (SANTOS, 2008, p. 54). A universidade tem a possibilidade de se pôr como alternativa viável e de qualidade ao processo de mercantilização dos serviços públicos e contrapor-se a ideologia da privatização como forma excelente de serviços e produção.

O saber universitário passa ainda pela pesquisa onde a expressão específica do conhecimento científico se apresenta de maneira forte. Justamente nessa dimensão universitária, percebe-se o distanciamento comunitário, quando as pesquisas se transformam em tecnologia, *know-how* e mercadoria, produtora de exclusão e dominação. Santos (2008) propõe uma forma de superar o desafio, onde a pesquisa se insere nas demandas sociais de uma forma criativa: "A pesquisa-acção consiste na definição e execução participativa de projetos de pesquisa, envolvendo as comunidades e organizações sociais populares a braços com problemas cuja solução pode beneficiar dos resultados da pesquisa" (SANTOS, 2008, p. 55). A partir daí, a universidade se expressa como parte da sociedade e assume o desafio de fazer do seu saber educacional essencial para a comunidade: "(...) o conhecimento se produz, se reproduz, se conserva, se sistematiza, se organiza, se transmite e se universaliza" (SANTOS, 2008, p. 28). A organização da pesquisa, do ensino e da extensão forma uma rede capaz de apresentar à sociedade uma nova maneira de investigar, agir e transformar a realidade.



Fonte: Arquivo do autor

Assim sendo, o desafio proposto por Santos para a universidade é a heterogeneidade do saber, mais democracia, sistemas mais plurais e diversificados que possam criar diálogo com outras formas de conhecer o mundo. "Conhecimento pluriuniversitário" (SANTOS, 2008, p. 30). Esse é o desafio do saber universitário: "A sociedade deixa de ser um objeto das interpelações da ciência para ser ela própria sujeita de conhecimento" (SANTOS, 2008, p.30). O desafio do saber universitário então confronta-se com diversos agentes, movimento sociais, realidades forçando daí um novo modo de responsabilidade da instituição e dos diversos sujeitos que a formam.

À medida que a ciência se insere mais na sociedade, esta insere-se mais na ciência. A universidade foi criada segundo um modelo de relações unilaterais com a sociedade e é esse modelo que subjaz à sua institucionalidade actual. O conhecimento pluriversitário substitui a unilateralidade pela interactividade, uma interactividade enormemente potenciada pela revolução nas tecnologias de informação e de comunicação (SANTOS, 2008, p. 31).

Assumir essa posição é mais que tudo romper com o senso dominante de compreender o conhecimento como mercadoria e comprometendo a iniciativa de apresentar a universidade como dimensão social, espaço público, onde se faz pesquisa, educação e extensão. Rompe-se então com tendência de mercantilização humana e das instituições. Tudo isso desemboca numa "Ecologia de saberes", onde há a necessidade de mudança paradigmática dos processos epistemológicos, uma mudança exigida pelo contexto nos processos construção do conhecimento universitário:

A ecologia de saberes é, por assim dizer, uma forma de extensão ao contrário, de fora da universidade para dentro da universidade. Consiste na promoção de diálogos entre saber científico ou humanístico, que universidade produz, e saberes leigos, populares, tradicionais, urbanos, camponeses, provindos de culturas não ocidentais (indígenas, de origem africana, oriental, etc.) que circulam na sociedade (SANTOS, 2008, p. 56).

Essa possibilidade de uma superação dos desafios do saber a partir da ecologia dos saberes é uma necessidade diante dos desafios sociais vigentes, da crise socioambiental. A complexidade da crise exige um proceder comprometido da universidade com a sociedade, superar os desafios do saber universitário.

Considerações finais

Tal como os problemas sociais são resolvidos pela sociedade, é mister compreender que é num âmbito social que o desafio do saber se estabelece e por ele que se encontra as soluções. O saber é a possibilidade de compreender, examinar, diagnosticar e modificar a sociedade e o mundo como um todo. Cria-se a partir dele um amplo leque de possibilidades, dado que são inúmeros os saberes, incluindo o saber universitário, especificamente o científico, conhecimento do mundo segundo uma metodologia matemática-experimental que se transforma cada vez mais pela demanda atual.

Assim, o desafio do saber universitário é complexo, exige mudanças paradigmáticas institucionais, exige confronto e uma reviravolta há práxis e nos conceitos. A exigência do desafio universitário é pluriversitário, onde a heterogeneidade dos conhecimentos sociais são parte integrante e fundamental da gestão de um sociedade que se transforma e precisa de mudanças consideráveis, e necessárias para o estabelecimento de uma comunidade integrada e justa.

Referências

- BURKER, Peter. **Uma História Social do Conhecimento: de Gutemberg a Diderot**. São Paulo: Jorge Zahar Editora, 2003.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- MORIN, Edgar; ALMEIDA, M^a da Conceição; CARVALHO, Edgar de Assis. **Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios**. São Paulo: Cortez, 2007.
- MOREL, Regina Lúcia. **A política científica no Brasil**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Universidade do Século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade**. Coimbra: Universidade de Coimbra - Centro de Estudos Sociais. Disponível em: <<www.ces.uc.pt/bss/documentos/auniversidadedosecXXI.pdf>> Acesso em: 05 de janeiro de 2008.
- _____. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- VELHO, Silvia. **Universidade-Empresa: desvelando mitos**. Campinas: Autores Associados, 1996.
- WEDIN, Michael W. Aristóteles. In: AUDI, R.(cor). **Dicionário de Filosofia de Cambridge**. São Paulo: Paulus, 2006. p. 43-50.